

EM JUNHO DE 2018, lançamos a chamada pública de textos para a produção da edição nº 64 da revista Filme Cultura. Era a terceira publicação do periódico centrada em apenas um tema, tecendo diversas possibilidades de abordagem, vozes e mergulhos sobre o cinema e o audiovisual nacional.

Depois de abordar o cinema infantil (nº 62) e o de mulheres (nº 63), a temática escolhida foi Cinemas Negros – com o intuito de dar visibilidade e abrir espaço para o questionamento e a promoção do cinema realizado por pessoas negras no Brasil e para a representação dessas pessoas no audiovisual nacional. Mais um tema urgente e necessário para trazer à tona no debate crítico do audiovisual.

Porém, pelo contexto político que enfrentamos, a revista, assim como diversas políticas públicas culturais, foi “esquecida”. A pauta cultural no governo federal, de 2019 a 2022, foi desmontada, desnutrada, desvirtuada e limitada. Mesmo após a seleção de textos da chamada pública para a edição sobre Cinemas Negros, o projeto foi colocado na gaveta. E assim hibernou, como muitos de nós também tivemos que fazer para sobreviver. Sem tirar de vista, no entanto, a possibilidade de um outro futuro!

Nesse tempo sombrio, a pasta da Cultura foi rebaixada a Secretaria Especial e transitou entre ministérios, sem ter um locus de pensamento crítico e de valorização. Com a retomada do Ministério da Cultura, em 2023, a revista também renasce, mais uma vez.

Assim, esta edição vem sendo construída há cinco anos! E é finalmente lançada com a parceria entre a Secretaria do Audiovisual e a Cinemateca Brasileira. É preciso entender e abraçar esse intervalo como um ato de resistência da cultura, do pensamento crítico audiovisual e do cinema negro brasileiro. Temos aqui artigos escritos em 2018 e outros em 2023. O que os diferencia? Será que avançamos na visão do cinema realizado e protagonizado por pessoas negras?

Para tratar do tema, esta edição, além de sua Comissão Editorial, instituiu um Conselho Editorial, com o intuito de validar os textos e de construir em conjunto a publicação. O Conselho da revista nº 64 é formado por Joel Zito Araújo, Viviane Ferreira e Márcia Uchôa, nomes que representam o pensar, o fomentar e o fazer audiovisual brasileiro.

Tecendo as linhas entre os textos, mesmo com todo esse contexto de descaso e de retomada, de pausa e de recomeço, vê-se que eles se conectam e se complementam. Aqui, mais uma vez, é construída uma história.

Percebemos a presença transversal das políticas afirmativas, não apenas do cinema, mas também a de cotas nas universidades, a relevância da difusão e a importância de mostras e festivais como pontos de virada no cinema negro, com destaque ao *Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul*, e de alguns marcos de movimentos cinematográficos, como o Dogma Feijoada e o Manifesto de Recife, passando também por narrativas fortes e pessoais sobre ser uma pessoa negra no Brasil e fazer cinema.

Sobre fazer cinema e ser uma pessoa negra, o desejo é que essa junção não seja apenas possível, crível, mas também potente e que se espalhe em personagens e em cineastas por todo o Brasil.